

# ACONTECIMENTO: catástrofe e transformação <sup>1</sup>

## EVENT: from catastrophe to transformation

José Luiz Aidar Prado <sup>2</sup>

**Resumo:** Trata-se neste artigo, de discutir, no campo da Comunicação, atravessado pela filosofia, o sentido de invenção e de transformação do acontecimento em termos de mudança de mundo, de concepção do sujeito e de efeitos na sociabilidade, a partir da teoria de Alain Badiou. Isso permite pensarmos tais transformações trazidas pelo acontecimento, considerando o papel do corpo, do sujeito, da verdade e do antagonismo, a partir dos regimes de interação e da tensividade. Para isso, cotejaremos essa visão do acontecimento com aquela da semiótica inaugurada no livro *Da imperfeição*, de Greimas, que originou duas tendências: a da sociosemiótica, que debate os regimes de interação e sentido, e a da semiótica tensiva, que opera com o conceito de acontecimento a partir da tensividade.

**Palavras-Chave:** Acontecimento. Antagonismo. Regimes de interação.

**Abstract:** This paper discusses, in the field of Communication, crossed by Philosophy, the sense of invention and transformation of the event in terms of world changes, the concept of the subject and the effects on sociability, based on the theory of Alain Badiou. This allow us to think about the meanings of the transformations brought about by the event, considering the role of the body, the subject, the truth and the antagonism, from the regimes of interaction and from the tensivity. We will compare this view of the event with that of semiotics inaugurated in the book *Da imperfeição*, by Greimas, which originated two tendencies: that of sociosemiotics, which debates the regimes of interaction and meaning, and that of tensive semiotics, which operates with the concept of event, from that of tensivity.

**Keywords:** Event. Antagonism. Interaction regimes.

---

## 1. Introdução

Neste texto proporei uma forma de operar com a teoria do acontecimento no campo da comunicação e da política. O debate será construído a partir de um confronto que se dá na semiótica em relação à interpretação do conceito de acontecimento, que fora

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Sociabilidade, do XXIX Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS, 23 a 25 de junho de 2020

<sup>2</sup> Professor doutor do PPG Comunicação e Semiótica da PUC-SP. aidarprado@gmail.com

introduzido por Greimas no livro *Da imperfeição*. Com isso, será possível extrair as diferenças entre duas concepções de acontecimento. Veremos como essas diferenças serão importantes para situar a categoria de interação, fundamental para discussão das dimensões políticas da comunicação e da sociabilidade. Finalmente, proporemos uma concepção de acontecimento mais próxima da teoria de Alain Badiou, mas atravessada pela discussão com obras de Landowski e Fontanille.

Os antigos modelos semióticos da narratividade<sup>3</sup> não permitem compreender os atuais processos comunicacionais que atravessam a sociedade em toda sua magnitude e têm cedido lugar às pesquisas sobre as formas de vida, corpo e sentido, acontecimento e discurso, regimes de interação e afeto. Isso não ocorreu apenas em função de um processo interno à teoria, mas principalmente a partir de processos de transformação da cultura. Por um lado, a produção econômica de valor-signo penetra a construção de todos os tipos de capitais, do financeiro ao capital do eu, a partir dos critérios de desempenho e gozo do neoliberalismo e da biopolítica. Por outro, a passagem da cultura de produção para a cultura de consumo do capitalismo comunicacional (cf DEAN, 2005; FONTENELLE, 2017; PRADO e PRATES, 2017) ensejou mudanças na circulação dos textos em todos os níveis e práticas, fazendo com que as antigas análises dos textos como fechados em si ("fora do texto não há salvação", costumava-se dizer entre os semioticistas) cedessem lugar a análises de objetos em construção, afetados pelas idas e voltas dos sentidos nos campos sociais; foi preciso também enfrentar o fato de que as comunicações passaram a apelar não apenas ao inteligível, mas cada vez mais ao sensível dos corpos. Mas também é preciso ressaltar, para além desses dois âmbitos, que do ponto de vista político, é preciso lidar também com o fato de que os regimes de verdade tradicionais tem estado sob ataque político, por exemplo contra os modelos das ciências, que caracterizam nossa atividade nas ciências sociais.

O que é um objeto em construção? Diz Paolo Demuru: "tudo aquilo que faz parte do campo de pertinência necessário à sua constituição enquanto objeto de sentido" (2019, p. 82). Nessa perspectiva, estamos, ao analisar textos e práticas, indagando pelos sentidos. Demuru não parte da afirmação de Merleau-Ponti, de que *estamos condenados ao sentido*;

---

<sup>3</sup> Sobre esse tema, ver DEMURU, 2019; FONTANILLE, 2019.

nem da mudança proposta por Landowski: *somos condenados a construir o sentido*. A proposta se torna: "não somos condenados nem ao sentido, nem a construir o sentido, mas sim a re-construir o sentido" (DEMURO, 2019, p.83). Mas será a "condenação" uma boa figura para essa situação atual da sociedade hipermidiatizada em que os sentidos circulam vertiginosamente?<sup>4</sup> "Condenação" lembra o movimento de Sísifo, que foi castigado pelos deuses e sem cessar sobe uma pedra até o topo da montanha, mas a pedra rola morro abaixo e ele tem novamente de iniciar a escalada. Será que somos, como Sísifo, condenados a carregar sem cessar a pedra do sentido? Ou haveria outro modo de perguntar pela "tarefa" incessante de marcação do mundo pelos sentidos? Ao estudar as mensagens que circulam nas redes temos de necessariamente encarar essa reconstrução do sentido, mas não como uma condenação.

Imagine-se a afirmação de um governante lançada no twitter, que se dissemina nas redes, depois é comentada nos jornais e telejornais, e tais textos são relançados extensivamente nas redes por influenciadores de milhões de pessoas, tendo finalmente de ser respondida pelos assessores do governante. Que cadeias de sentidos essas comunicações sucessivas produziram? Que interações ocorreram nesse processo? Que deslocamentos? Nessa direção, a teoria, seja semiótica ou do discurso, não é caixa de ferramentas para aplicar ao real, "mas maneira de olhar e abordar o mundo" (*ibidem*). O sentido é aqui não algo colado no mundo, mas "a própria experiência intersubjetiva do sentido" (*idem*, p.84). Trata-se de uma visão com postura da pragmática, que vê a linguagem não só como leitora do mundo, mas como forma de uso, a partir da performatividade.

## 2. Estesia e acontecimento

Greimas (2002) constrói no livro *Da Imperfeição*, de 1987, a ideia de estesia e acontecimento. Trata-se do último livro de Greimas, sem considerarmos os de coautoria. Greimas dá aí uma guinada em sua teoria semiótica, que vinha centrada na narratividade. Ele começa sua análise com o Robinson de Michel Tournier (2014), livro de 1967, *Sexta-feira ou*

---

<sup>4</sup> Sobre isso ver PRADO 2013 e CARLÓN, 2020.

*os limbos do Pacífico*, em que o protagonista ordenava sua vida "segundo o ritmo das gotas d'água que caíam uma a uma de uma clepsidra improvisada (relógio de água)" (GREIMAS, 2002, p. 23), mas de repente encontrou-se "despertado pelo silêncio insólito que lhe revelou o ruído da última gota a cair na bacia de cobre" (*ibidem*). Constatou então que a gota seguinte, 'renunciando decididamente a cair', chegou mesmo a 'esboçar uma inversão do curso do tempo' (*ibidem*). Um deslumbramento o envolve com essa suspensão do tempo. Trata-se de um acontecimento estético, uma apreensão estética excepcional, que abala Robinson ao ponto de seu corpo vacilar e ter de se encostar em um batente. Diz Greimas: "A própria apreensão é concebida como uma relação particular estabelecida, no quadro actancial, entre um sujeito e um objeto de valor" (*idem*, p. 25). Não é uma relação 'natural':

sua condição primeira é a parada no tempo, marcada figurativamente pelo silêncio que bruscamente sucede ao tempo cotidiano, representado como um ruído ritmado. A esse silêncio corresponde uma parada repentina de todo movimento no espaço, uma imobilização do objeto-mundo, do mundo das coisas que até então não cessavam de 'inclinarem-se ... no sentido de seu uso — e de sua usura' (...) A suspensão do tempo e a petrificação do espaço estão marcadas duas vezes pela palavra 'repentinamente' (*soudain*), que sublinha uma pontualidade imprevisível, criadora de uma descontinuidade no discurso e de uma ruptura na vida representada (*idem*, 25-26).

O sujeito vinha seguindo um hábito, uma disposição, apegado a certas identidades de si ligadas a discursos até que algo de repente permite que ele veja algo diferente em relação a si e ao mundo. Dá-se uma ruptura: algo surge que permite uma brecha, uma mudança no regime das expectativas e disposições. Esse "algo" é da ordem do sensível do corpo, e não apenas do inteligível, da ideia.

Greimas realiza várias análises de acontecimentos estéticos desse tipo no livro, que não detalharemos. O que nos interessa é a leitura que faz Landowski dos rumos que tomou a semiótica após esse livro de Greimas. Para Landowski após esse livro foi possível superar o dualismo sensível-inteligível:

Assim como o sensível não apenas 'se sente' (por definição) mas também *tem*, ou melhor dito, *faz* sentido, inversamente o que 'se entende' — o inteligível, o próprio sentido —, em si mesmo *incorpora o sensível*. Isso quer dizer que a significação, de certo modo, já estaria presente no que os sentidos nos permitem sentir ou perceber (LANDOWSKI, 2017, p.105).

Segundo Fontanille, este livro de Greimas inaugurou a possibilidade de "escrever semiótica de outro modo, não à distância, após a objetivação e através da tela da metalinguagem, mas de certo modo em imersão no objeto de análise, uma imersão que permite reencontrar a experiência sensível a partir da qual uma interpretação é possível"(FONTANILLE, 2019, p.157).

Beividas também aborda essa mudança na semiótica:

O texto foi substituído primeiro pelo sujeito da práxis enunciativa, sujeito em ato, sujeito em situação, e, em seguida, por um movimento de ascensão em direção à fonte, pelo corpo próprio como instância primeira das pré-condições de emergência da percepção e, portanto, do sentido, como local da mediação necessária na passagem de estados de coisas para estados da alma em um mundo significante. Em resumo, trata-se da entrada (definitiva?) de um corpo de carne no *corpus* do discurso (ou em sua substituição?) (BEIVIDAS, 2016, p.2).

### 3.Regimes de interação

Landowski defende sua corrente interpretativa e critica a outra, que ele chama de “catastrofista”, em que a aparição do estético teria o estatuto de um "evento acidental" (2017, p. 106). Vejamos como ele sintetiza essa corrente:

(...) tudo começa com a aparição de um actante-sujeito caracterizado pelo estado de 'carência' em que se encontra. Está ancorado nas 'rotinas do cotidiano' e, sem que ele perceba claramente, falta-lhe algo que dificilmente ele saberia definir mas que, em oposição ao aspecto 'prosaico' do que está vivendo, só pode ser concebido como algo 'deslumbrante'. Apenas algum evento inesperado seria susceptível de fazê-lo apreender, de repente, 'sob o parecer das coisas', outro sentido, mais autêntico: um sentido que lhe daria acesso a 'outro' mundo, no qual, por último, conseguiria se reconhecer. Uma vez o estado de 'espera do inesperado' instalado, deste modo, na alma do herói, pode ocorrer o evento (acontecimento), o dito acidente mesmo. É esta irrupção que vai constituir o núcleo da sequência seguinte, ou seja, da cena decisiva (*idem*, p. 107).

Após essa emergência se desvaneceria o acontecimento e começaria o que Landowski chama de "uma retrogradação" a um estado semelhante ao primeiro, "seja porque o sujeito não pode suportar a força do ocorrido", ou porque "o resplendor sumiu por si mesmo" (*ibidem*). Voltaria o sujeito a uma cotidianidade mais dessemantizada que a inicial. Vejamos: "a única coisa que o herói dessa aventura terá por fim ganho será a nostalgia ou o

'ressaibo' da presença sensível do sentido, vislumbrada apenas por um instante" (*idem*, p. 107). Para Landowski esse modelo carece de valor explicativo, pois não traz ao entendimento os modos de articulação entre os três estados e as formas de apreensão do sentido correspondentes, e, em consequência, reforça o dualismo que ele pretende ultrapassar. Segundo ele, essa visão – a acidental – parece romântica, mas de fato é "sindical": "por um lado, os dias de trabalho e rotina, o cotidiano; por outro, raros momentos 'fora do comum': as chamadas escapatórias, instantes de bem-aventurança que, rompendo a continuidade do prosaico, animariam o trabalhador para enfrentar mais uma semana..."(*idem*, p.108).

E então ele pergunta: "que significação devemos atribuir, neste contexto, ao próprio vocabulário *sentido*?" (*idem*, p. 109). O sentido "que se 'revela' no êxtase é o mesmo que aquele que é pressuposto quando se fala de seu 'desgaste', e àquele que se deixa captar graças ao 'estremecimento' produzido pelo contato com certas qualidades sensíveis do mundo?" (*ibidem*). Diz ainda: "Da mesma maneira que o sujeito se define como um lugar vazio no qual dois estados totalmente alheios um ao outro se manifestam cada um em seu turno, a noção de sentido também se apresenta desprovida de conteúdo fixo, já que, como temos observado, remete alternadamente a dois modos de significar que não têm nada em comum" (*ibidem*). Para Landowski o acontecimento é entendido como um evento instantâneo em que há a ruptura de um estado ligado a

um regime de significação puramente 'denotativo' em relação a uma vida 'aplainada', o que explicaria porque, paradoxalmente, nos termos de Greimas, o 'sentido' é aí considerado dessemantizado –, enquanto, que o regime alternativo, aquele em que se torna possível o advento de um sentido 'outro', é descrito como pleno de um conteúdo 'deslumbrante', cuja apreensão permitiria vislumbrar, além do parecer, o próprio ser das coisas (*idem*, p. 110).

Para ele tal é uma concepção "decididamente aplanada", "substancialmente catastrófica", "formalmente catastrofista", "não apenas da vida, mas também da poesia e da própria estética"(*idem*). Ele afirma não cair no dualismo apontado na primeira leitura (a da teoria do acontecimento na via de Zilberberg, 2011) e busca pensar o sentido de modo *construtivista*, salientando a intencionalidade (opondo-se à aleatoriedade do acidente) e a progressividade (opondo-se à pontualidade do acontecimento). Nessa leitura landowskiana, que se contrapõe à primeira, mais ligada a Zilberberg, o sentido não será buscado mais

somente no momento pontual do êxtase, da intensidade, mas no "comportamento de todos os dias" (LANDOWSKI, 2017, p. 111). O sujeito não mais fica à espera do inesperado, mas passa a exercer "ativamente uma prática destinada a aproximar-se desse objetivo" (*ibidem*). Empenha-se em um fazer estético, no plano do vivido, escolhendo suas ações de modo a construir um objeto de valor. Este valor estético buscado não é mais algo dado "providencialmente" ao sujeito, mas uma construção a efetivar, a construir. Ele apela à segunda parte de *Da imperfeição*, em que Greimas propõe algo "mais motivador, outra aventura, menos espetacular do que a de quem se realiza — ou se perde — na estesia entendida como experiência extática, mas também menos convencional" (*idem*, p.113). Este seria, segundo Landowski, "um caminho fora de todo sentimentalismo e longe de qualquer transcendência, um caminho positivo que aponta para a construção *metódica* do sentido estético" (*ibidem*). Por essa via, *Da imperfeição* nos traria o desenvolvimento de "uma inteligência do sensível" (*idem*, p. 116). Diz ele:

mais concretamente, assistimos a um trabalho de edificação, ou, inclusive, de educação semiótica: uma espécie de auto-aprendizagem que visa um melhor domínio da competência latente que cada um possui para sentir a presença do outro (sob qualquer uma das suas formas possíveis) ao mesmo que apreender o que assim *faz sentido* (*ibidem*).

Em Landowski, a interação é sempre ligada ao sentido, a partir de quatro tipos de regimes: da programação, da manipulação, do acidente e do ajustamento. A semiótica narrativa anterior diferenciava dois tipos de interação: aquele baseado em ações programadas, em que se exerce uma regularidade, e aquele baseado na manipulação estratégica, em que se dá uma relação entre sujeitos que tentam um acordo sobre algo no mundo, em que domina a intencionalidade (cf. LANDOWSKI, 2014, p. 19). Landowski introduz outros dois regimes: o do ajustamento, fundado na sensibilidade dos interactantes (*ibidem*), e o do acidente, ligado ao acaso. Ele caracteriza o regime da programação a partir do *fazer ser*:

um aparelho eletrônico, por exemplo, tem um 'programa', um animal tem seus instintos (...): outros tantos papéis temáticos que não apenas delimitam semanticamente esferas de ação particulares, mas que, em certos contextos, permitirão antecipar até nos mínimos detalhes os comportamentos dos atores (humanos ou não) que deles são investidos. (...) Da fábrica ou do laboratório à cozinha, é assim programando operações que consistem em tirar partido das regularidades de comportamento — em outras palavras, dos programas virtuais —

próprias dos objetos tomados como matéria-prima, que construímos cada dia novos objetos de todo tipo, começando por modestas sopas (*idem*, 2014, pp.22-23).

Entretanto, quando dois sujeitos tem de negociar os sentidos de uma determinada situação, quando um tem de levar o outro a fazer o que ele quer, então o regime é da manipulação. As certezas do regime da programação podem ceder lugar a uma relativa incerteza, dando lugar a outro tipo de regime: "Do registro das interações baseadas em um ou outro dos *princípios de regularidade* — causal ou social — que pressupõe toda programação, passamos agora a outro regime, de tipo manipulatório (ou estratégico), baseado em um princípio de intencionalidade" (*idem*, 2014, p.25). Agora estamos no território do *fazer fazer*. Um agente pode tentar o interlocutor, prometer recompensa, argumentar, fazer lisonja, provocar, etc. "Seja o que for, o manipulador propõe sempre ao outro uma forma ou outra de intercâmbio — barganha econômica ou chantagem à honra, ou pelo menos ao amor próprio" (*idem*, p. 27). Assim, para alcançar seus fins, ele pode mostrar-se tentador, autoritário, ameaçador, adulator, sedutor ou provocador. Os dois são sujeitos, mas seus papéis temáticos são, como diz Landowski, "funções especializadas, cuja característica consiste em não se comunicarem diretamente entre si" (*idem*, p.28). Ainda estamos num regime de estratégia, mas não mais da ordem do programa, envolvendo um tipo de comunicação em que há movimentos de uma ou outra parte no sentido de dirigir o comportamento e a ação do outro. Ainda não há ajustamento, ação comunicativa baseada no entendimento e na consideração dos movimentos do outro entendido como uma alteridade intencional. Explica Landowski:

Suponhamos que, apanhado em falta na estrada, eu não encontre argumentos para justificar objetivamente minha conduta. Que tipo de estratégia de persuasão adotar em uma situação desse gênero para que o policial encolerizado (...) faça vista grossa? Tratar de seduzi-lo? Demasiado arriscado. Tentar ameaçá-lo? Lisonjeá-lo? (...) Como podemos ver, toda escolha estratégica expressa essencialmente a maneira como o manipulador constrói a competência (volitiva, deontica, cognitiva, epistêmica etc) do outro e o modo como localiza os pontos sensíveis, as falhas ou as zonas críticas, susceptíveis, a seus olhos, de fazer manipulável seu interlocutor" (*idem*, p. 29-30).

Se no regime de programação os sujeitos limitam-se a "seguir à risca percursos e programas narrativos preestabelecidos por algum enunciador-destinador" (DEMURU, 2019,

p.84) (por um chefe, pelo professor, pelo padre, pelo auditor, pelo governo, pelo *couch*), no regime de manipulação vemos "um destinador que busca levar um destinatário a querer ou a dever fazer alguma coisa e agir conforme seus planos" (*idem*, p. 85). Caso esse destinatário aceite o contrato proposto, deverá se engajar, "enquanto sujeito, em um determinado programa narrativo, adquirindo, em seguida, competências de tipo modal (poder fazer, saber fazer)" (*idem*, p. 85).

Esses dois regimes (programação e manipulação) obedecem à lógica da *junção*, em que as relações intersubjetivas são mediadas por objetos de valor, "com os quais se deve entrar em conjunção ou disjunção" (*idem*). Ambas as lógicas

inscrevem-se em uma constelação de caráter existencial que Landowski define como a constelação da *prudência*, ou seja, em um universo onde o risco de que surjam (dos processos interacionais) sentidos imprevistos, novos e inusitados é circunscrito e pode ser relativamente controlado (risco mínimo no caso da programação e limitado no caso da manipulação) (*idem*, 2014, p. 85).

#### 4. Regimes de união

Há dois outros regimes, que caracterizam a lógica da *união*: o do ajustamento e o do acidente. Agora a interação e o sentido não dependem mais da mediação de objetos de valor, mas "se constroem por meio do contato direto, do contágio, do corpo a corpo e da copresença sensível - i-mediata entre um sujeito e um outro, seja este outro um sujeito humano em carne e osso, um objeto, um espaço etc" (*idem*, p. 85). Aqui temos a constelação da *aventura*, não mais da *prudência*. O regime do acidente apresenta nível alto de risco, sendo caracterizado como da insensatez, no qual "o acaso irrompe em sua forma mais pura, como no caso de terremotos e outros desastres naturais, deixando-nos atordoados e atônitos" (*idem*). Mas um sujeito pode assentir a esse risco, "elegendo-o como norte de suas vidas e interações cotidianas, como no caso de quem pratica esportes radicais nas metrópoles contemporâneas" (*idem*).

No regime do ajustamento, e há maiores perspectivas de criação de sentido na própria interação, segundo Landowski:

Uma interação é de ordem programática quando, para chegar a seus fins, é suficiente que o ator se apoie em certas determinações preexistentes, estáveis e cognoscíveis, do comportamento do outro. Agora, nas interações que dependem do ajustamento, o ator com o qual se interage caracteriza-se (...) pelo fato de que seu comportamento obedece a uma dinâmica própria, mas essa dinâmica (...) não é redutível, como no caso precedente, a leis preestabelecidas e objetiváveis. É, ao contrário, na interação mesma, em função do que cada um dos participantes encontra e, mais precisamente, sente na maneira de agir de seu parceiro, ou de seu adversário, que os princípios da interação emergem pouco a pouco (LANDOWSKI, 2014, p. 48).

Nesse caso os atores não se limitam a um papel temático, mas tem um agir aberto, ao qual o outro se ajusta na medida em que vai se dando a interação. Demuru diferencia dois tipos de ajustamento. No primeiro, que ele chama de *interação entre iguais*, "os sujeitos interagentes constroem, a partir de suas competências estéticas, isto é, sentindo-se reciprocamente, uma relação que pode levar a uma realização mútua" (DEMURU, *idem*, p. 86). O exemplo aqui é o da dança: "pode-se dançar seguindo passos preestabelecidos (programação), ou buscando "impor ao parceiro um estilo" (manipulação); ou pode-se dançar "ajustando-se sensivelmente ao companheiro ou a companheira, buscando realizar-se não independentemente do outro, mas apenas 'por meio da realização mesma do outro dançarino' "(*ibidem*). Mas Demuru fala de um segundo tipo de ajustamento, entendido como resposta de um sujeito às tentativas de programação e manipulação de sua existência:

Nesse caso, não estamos mais diante de uma interação entre iguais, mas sim entre sujeitos situados em diferentes posições de poder. Tem-se aqui a resistência, por meio de ajustamentos progressivos, de um sujeito a um outro sujeito que pretende e tende a dominá-lo (um outro sujeito em carne e osso, uma cidade, uma situação, mas também um governo ou um período de crise política e democrática como aquele que vivemos hoje no Brasil). Trata-se de um estilo de conduta — e de vida — que Landowski compara à arte da guerra de Sun Tzu, à inércia do general russo Kutuzov perante o exército napoleônico e à guerrilha afegã que desestabilizou a armada estadunidense, ou seja, a uma prática militar, que consiste em 'deixar, na medida do possível, que o outro siga sua própria propensão a fim de tirar partido disso, ajustando-se, precisamente, a seus movimentos'. (*ibidem*)

Em Landowski esses quatro regimes se deslocam: podemos passar de um regime de programação, fundado na regularidade, buscando a segurança contra o risco, a um regime do ajustamento, fundado na sensibilidade e na competência estética, mais inseguro, cujo regime de sentido é fazer sentir, e finalmente a um regime do acidente, fundado na

aleatoriedade, com risco puro, e com regime de sentido da insensatez. Outro caminho possível é passar do regime do acidente, ao da manipulação, fundado na competência modal e na intencionalidade, com regime de sentido baseado em ter significação, com risco limitado, e finalmente ao da programação.

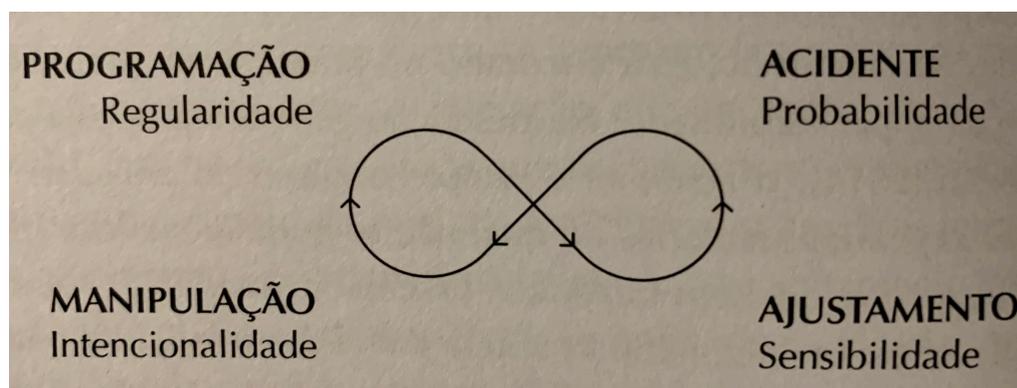


FIGURA 1: Os regimes de interação segundo Landowski.

FONTE: FECHINE, 2019, p. 22.

## 5. Tensividade

Antes de passarmos a Badiou, cabe uma palavra sobre a semiótica tensiva, que é a via denominada "catastrofista", por Landowski. Apelarei a um texto de Fontanille (2019) em que ele sintetiza essa teoria, mas já tratamos disso em textos anteriores (PRADO, 2015; 2017). O primeiro passo de Fontanille nesse texto é localizar já em *Semântica Estrutural*, de Greimas (1973) um modo reduzido de tratar os afetos; lá a percepção era o lugar não linguístico onde se dava a apreensão da significação. Diz Fontanille:

Greimas não fala de afeto, mas a ancoragem fenomenológica dessa sua tomada de posição, sob a autoridade de Merleau-Ponti, implica que as discontinuidades significantes são o produto de nossa atividade perceptiva, isto é, da maneira como experimentamos o 'mundo das qualidades sensíveis'. Por princípio essa experiência é indivisível: a apreensão das discontinuidades é, portanto, inseparável do afeto que ela suscita. Poder-se-ia até considerar que o afeto é mesmo essa apreensão (FONTANILLE, 2019, p.139).

Segundo Fontanille, em *Da imperfeição* (2002), Greimas muda o termo: em vez de percepção fala em estesia. Na *Semiótica das paixões* (1993), que Greimas assinou com Fontanille, "a análise das paixões, que implica a propriocepção e a timia, e, portanto, o papel do corpo na semiose e sua enunciação, exerce uma pressão crítica sobre o princípio da objetivação metodológica" (*idem*, p. 137). Nessa obra a tensividade torna-se correlato da foria<sup>5</sup>:

a reunião dos dois permite, então, avançar o conceito de espaço *tensivo-fórico*, no qual as pré-condições da significação seriam definidas e onde o *sentir* mínimo estaria situado. Se desde *Semântica Estrutural* a percepção é o lugar não linguístico onde são apreendidas as descontinuidades da significação, o sentir será a partir da *Semiótica das Paixões*, o lugar não linguístico (ou pré-semiótico) onde essas descontinuidades são de início experimentadas como *tensões do sentido* (*idem*, p. 138).

A semiótica tensiva aborda as percepções de um sujeito que está no centro do campo de presença, que conduzem a semiose. De início não se colocam as descontinuidades do texto, mas as tensões do sentido, que atravessam esse corpo sensível. A tensividade tem dois componentes: a intensidade e a extensividade. A primeira diz respeito à "força, a energia, o afeto. A outra é extensão: quantidade, desdobramento, espaço e tempo, cognição" (FONTANILLE, 2019, p.145). As tensões emergem com intensidade variada, menor ou maior, e se espalham na extensividade do campo de presença, atingindo outros sujeitos. Numa fobia, por exemplo, há uma iteração (repetição), "sob a pressão de uma intensidade (a força)" (*idem*, p.146).

Se Zilberberg partia do pressuposto de que a intensidade regia a extensão, Fontanille pergunta: "em nome de que o sensível e o afeto dependeriam apenas da intensidade?" (*idem*, p.147). Fontanille recorre a J.F.Bordron, para afirmar que na percepção há apreensão de algo que "pode ser tanto um conjunto de partes-entidades descontínuas como um conjunto de fluxos-força a ser regulado, ou, mais frequentemente, ambos ao mesmo tempo" (*idem*, p.148). A partir daí Fontanille propõe que não se coloque primeiro as forças intensivas, em detrimento das extensivas, mas que se considere composições variadas dos dois modos de apreensão sensível das ontologias subjacentes. Diz Fontanille:

---

<sup>5</sup> Conforme Pistori (2010), a foria expressa os modos de reação de um ser ao seu meio; a euforia é a reação positiva, a disforia a negativa.

Seria possível imaginar uma semiótica futura que (...) não faria nenhuma escolha ontológica prévia, mas que em vez disso estaria interessada na instauração de ontologias múltiplas e complexas, criadas em coabitação, pela competição ou pela colusão entre os dois modos de estruturação e de composição: o das grandezas descontínuas e das composições mereológicas; e o das grandezas contínuas, energéticas e fluentes? (*idem*, p.149).

Dito de modo mais simples: de um lado temos os textos e práticas que podem ser lidos, como diz Landowski, como superfícies de inscrição cobertas de signos a decifrar, sentidos a compreender (as grandezas descontínuas da semiótica), e de outro lado as qualidades sensíveis que chegam ao nosso corpo não como signos a decifrar, mas como aquilo que sentimos, afetando-nos tensivamente, com mais ou menos força. Para Fontanille não devemos fazer a escolha ontológica entre uma e outra direção:

a articulação entre essas duas maneiras de apreender o sentido, e com algumas outras que, sem dúvida, ainda serão descobertas, é uma das principais tarefas de uma semiótica que desejaria ser realmente 'geral'. E, à procura dessas articulações, quer sejam oposições ou tensões, triagens ou misturas, chegaríamos, como faz Landowski, construindo pacientemente os seus regimes de sentido, a uma visão propriamente estrutural dos modos de existência que dão forma aos diferentes tipos de mundos nos quais se produzem as *semioses* (2019, p. 150).

Fontanille chega a uma proposta sintetizada no seguinte diagrama tensivo, que busca evitar as limitações da proposta de Zilberberg:

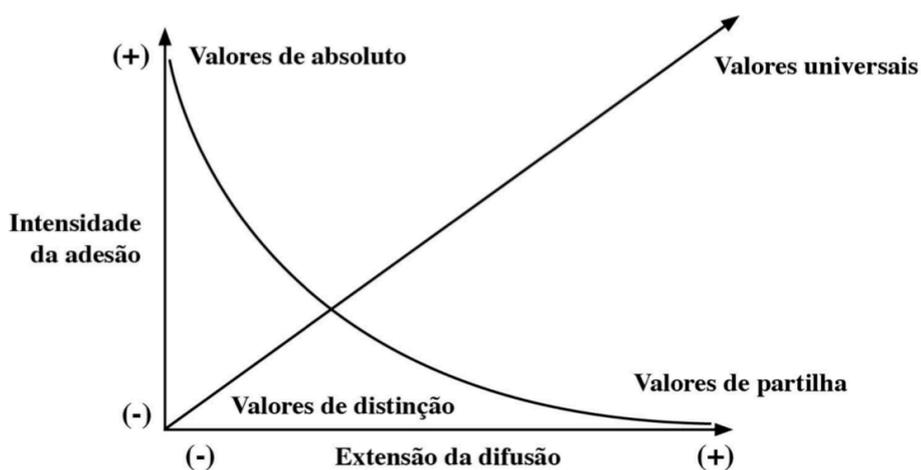


FIGURA 2: Gráficos tensivos de Zilberberg e Fontanille

FONTE: FONTANILLE, 2019, p. 150.

Esta proposta permite haver adesões individuais e frágeis, maciças e intensas (dadas na reta ascendente), que não tinham lugar no modelo de Zilberberg (em que só havia a curva descendente). Isso permite abordar, por exemplo, "o movimento dos Indignados, na Espanha" ou as "grandes manifestações nacionais que ocorreram na França após os ataques terroristas" (*idem*, p. 151). Daí resultam dois tipos para os valores de universo: "por um lado, valores universais, de adesão forte e maciça, e, por outro lado, os simples valores de partilha, amplamente difundidos, mas fracamente assumidos. Nesse diagrama a intensidade afetiva de uma força pode ser reiterada, ou seja, ampliada pela extensividade, pela duração e repetição (número de ocorrências). "A duração e a frequência são inclusive, aqui, indicações da potência e da profundidade do afeto" (*ibidem*).

## 6. Acontecimento em Badiou

Agora é hora de propormos uma teoria do acontecimento que enfrente as dificuldades que se anunciaram nesse confronto até agora apresentado entre os herdeiros de Greimas. De um lado, é preciso não desconsiderar o acontecimento, de outro não desconsiderar suas consequências nas rotinas conflitivas (antagonistas e tensivas) do pós-acontecimento. Faremos isso partindo da teoria do acontecimento de Badiou. O acontecimento, instantâneo ou processual, de alguma forma nesta teoria tem o caráter de acidente, mas nem sempre é da ordem da catástrofe, nem leva os corpos para trás, novamente assujeitados aos discursos que os constituíram ou que constituíram uma sociabilidade opressiva ou desconcertante. O acontecimento pode abrir a possibilidade de uma nova micropolítica, em que novos sujeitos investem na direção de forças de mudança, caracterizando um processo de verdade, no sentido de Badiou<sup>6</sup>. Para isso não basta que o acontecimento tenha emergido, mas é preciso que surjam sujeitos que sustentem o processo

---

<sup>6</sup> Verdade, para Badiou (2008, p. 650) é: "conjunto que se supõe acabado de todas as produções de um corpo fielmente subjetivado. (...) Ontologicamente esse conjunto resulta de um procedimento genérico. Logicamente, desenvolve no mundo um presente, pela sustentação de uma série de pontos". Os conceitos de corpo, fidelidade, procedimento genérico, mundo, presente, pontos também tem sentidos bastante precisos nessa lógica dos mundos, ou lógica do aparecer.

de verdade que entreviram na intensidade emergente desse evento. Assim, o acontecimento em Badiou não é a catástrofe, mas desorganiza o presente e introduz um processo, caso haja sujeitos fiéis a ele, no rumo de uma nova verdade a construir. Isso pode ocorrer na arte, no amor, na ciência e na política (não na religião, porque lá se parte da ideia de que há Um). O sujeito surge quando alguém enuncia a aposta ligada ao acontecimento. Um sujeito é o que fixa um acontecimento indecível, porque assume o risco de decidi-lo. Daí o diagrama da figura 1:

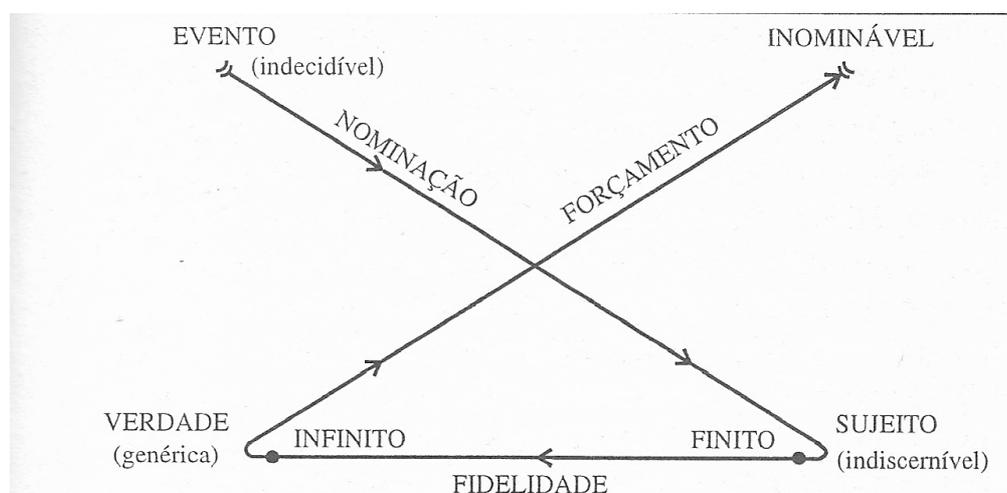


FIGURA 3: Esquema do acontecimento, segundo Alain Badiou

FONTE: BADIOU, 1994, p. 45.

Badiou parte da multiplicidade: de início só há múltiplos, pois o Um não é. O Um só surge quando fazemos um conjunto a partir dos múltiplos, que ele chama de *conta por um*. Reunimos elementos em um sistema, em um conjunto. Trata-se em Badiou (2008) de ver como uma verdade subverte a lógica de um mundo, ao transformar as normas que regulam, que gerem a maneira pela qual as coisas aparecem — o modo pelo qual diferentes elementos de um mundo aparecem como menos ou mais intensos e visíveis. Uma nova verdade aparece em um mundo fazendo com que as velhas normas de aparição se tornem inconsistentes. Para Badiou, a fidelidade ao acontecimento é requerida para possibilitar que uma representação desta inconsistência consista como base para uma nova configuração de um mundo. Isso

pode conduzir a uma nova lógica de aparição. Essas lógicas de aparição são estudadas no segundo volume de *Ser e acontecimento* (BADIOU, 2008).

"Mundo" para Badiou tem um sentido preciso, de um campo de visibilidade em que os apareceres dos seres-aí se dão, segundo uma lógica, dita transcendental, uma ordem, um regime de visibilidade. Diz Badiou:

O transcendental que se tratará neste livro é bem anterior a toda constituição subjetiva, já que é um dado imanente das situações, sejam quais forem. É (...) o que impõe a toda multiplicidade situada a constrição de uma lógica, que é também a lei de seu aparecer, ou a regra pela qual o 'aí' do ser-aí faz advir o múltiplo como essencialmente vinculado. Que todo mundo possua uma organização transcendental singular supõe aqui que, ao não poder o pensamento, por si só, explicar sua manifestação, é preciso que certas operações imanentes tornem possível a inteligibilidade dessa manifestação. Transcendental é o nome dessas operações (BADIOU, 2008, p.123). Modificação não é mudança" (BADIOU, 2008, p. 400).

Badiou pensa mundo como a soma de suas modificações. O ser, enquanto ser, é multiplicidade pura e, portanto, imóvel. Por outro lado, o aparecer de um ente em um mundo não se liga a uma mudança verdadeira. Modificação é "o aparecer regrado das variações intensivas que um transcendental autoriza em um mundo do qual é o transcendental.

Ele distingue:

- *uma modificação normal* - o modo ordinário pelo qual os objetos de um mundo aparecem
- *um fato* - uma novidade genuína, mas insignificante
- *uma singularidade* - uma novidade que aparece intensamente mas tem poucas consequências
- *um acontecimento* - uma singularidade cujas consequências aparecem poderosa e intensamente

Aqui fala-se, portanto, de uma lógica do aparecer em que as coisas podem aparecer com menos ou mais intensidade, em gradientes, do menos ao mais, como na semiótica tensiva, que também trabalha com o conceito de acontecimento (ZILBERBERG, 2011; PRADO, 2017; 2015; 2013). Mas o que diferencia fato e singularidade de acontecimento é o grau de mudança do *status quo* da situação, da intensidade da novidade. Os acontecimentos, como as verdades, são ocorrências excepcionais em Badiou; eles

constituem o início de um processo que permite uma total reavaliação das avaliações transcendentais que governam o modo pelo qual as coisas aparecem em um mundo. Ele aciona um processo através do qual aquilo que antes aparecia como nada passa a aparecer como tudo.

## 7. Pós-acontecimento e interação

Poderíamos neste ponto, fazer o mais fácil: a contraposição entre as figurações de acontecimento em Badiou e em Landowski, o que nos conduziria a uma questão do tipo: o regime do acidente dá conta do tema do acontecimento? O entendimento do acontecimento de Landowski é diverso do Badiou, que nos interessa do ponto de vista da lógica da mudança. Para Badiou acontecimento é algo não catastrófico, algo que pode vir a tornar-se renovador de mundos, alterando a lógica do aparecer, os regimes de visibilidade. É claro que somente *a posteriori* é que se pode reconhecer um acontecimento, caso tenham surgido sujeitos capazes de linguagem e de ação que teriam investido seus corpos e seus discursos no apoio desse processo, inventando um mundo em que as novas lógicas de aparição surgidas com o acontecimento teriam alterado o *status quo* das situações nesse novo mundo e sustentado esse processo diante de sujeitos reativos ou obscuros, que teriam se insurgido diante do acontecimento, considerando-o talvez catastrófico e exigindo a volta ao mundo anterior e, no caso do sujeito obscuro, voltando a um mundo mítico mais conservador ainda que a situação anterior. Diante de uma primeira leitura coloca-se uma oposição desta visão de Badiou com a de Landowski, que não aceita o conceito de acontecimento.

Ora, essa contraposição fácil não se revela tão simples, se considerarmos que o pós- acontecimento exige que os sentidos do acontecimento sejam pensados a partir da ideia de Landowski de que o sentido está presente no imediato do sensível: "ele surge dos corpos em interação e em co-construção e, mais precisamente, da capacidade desses corpos para transmitir efeitos de sentido por *contágio* (inter-corporal) "(FONTANILLE, 2019, p. 154). Trata-se, como vimos, do regime da união: "a configuração da *união* pressupõe, na experiência sensível, uma interação global e, a princípio, corporal. A união implica, como modo de semiose, o contágio do sentido, e ela adota, como forma do processo (...) o

ajustamento entre os actantes" (*ibidem*). No pós-acontecimento ocorrem disputas políticas discursivas, que envolvem não apenas as ideias, mas o experimentar dos corpos, o sentir, que colocam em cena os sujeitos fiéis, reativos e obscuros enfrentando-se em torno das consequências do acontecimento, em termos das alterações de mundo por ele ensejadas.

Neste ponto precisamos operar com o ajustamento tipo 2 de que fala Demuro, pois tais lutas envolvem antagonismos, como nos casos das lutas de reconhecimento (cf. HONNETH, 2011), que envolvem o enfrentamento do inconsciente colonial-capitalístico (expressão de Rolnik, 2018). Tais ajustamentos estariam implicados no jogo entre uma lógica da diferença que cede passo a uma lógica da equivalência (LACLAU e MOUFFE, 2015), que une os diferentes para enfrentamento do bloco de poder<sup>7</sup>. Nesse tipo de disputas político-discursivas no pós-acontecimento, que se dá entre sujeitos fiéis, reativos e obscuros, é necessário encarar o real a partir do antagonismo e da negatividade; no cotidiano dessas lutas os corpos tem de se ajustar de modo a sustentar coletivamente a verdade do acontecimento. Landowski tem razão em desconfiar do conceito de acontecimento pontual, que desconsidera o cotidiano dos actantes. Entretanto, é fundamental ligar essa lógica equivalencial e do ajustamento à questão da negatividade e do antagonismo, esboçada mas não aprofundada no texto mencionado de Demuru (2019).

Do ponto de vista da teoria, é preciso considerar como se dá esse encontro dos corpos-actantes no processo cotidiano do pós-acontecimento. Fontanille toca nesse ponto, falando especialmente do regime do ajustamento:

Nesse processo de co-construção dos actantes, os corpos recebem marcas uns dos outros, que permitem inscrever o processo no tempo e no aspecto (pontual, durativo, iterativo etc) das interações. A longo prazo, elas contribuem para a instauração em uns e outros de disposições duráveis e de *habitus*, trazidos pelo corpo sensível. Em suma, nos processos de ajustamento, é preciso compor a regulação dos fluxos e das forças com a estruturação das partes em totalidades (FONTANILLE, 2019, p.154).

Os corpos são, portanto, marcados nessas interações. Fontanille (2017) desenvolve o processo dessas marcações no corpo no livro *Corpo e sentido*, de que trataremos em outro texto.

---

<sup>7</sup> Sobre isso ver também PRADO, 2016, 2016a e 2019.

## 8. Duas ordens

Para Landowski "uma vivência, aquela que tem um valor estésico, define-se como a mera negação da outra, ou seja, tautologicamente, como o contrário de uma an-estesia prévia"*(idem)*. Há aí uma pontualidade no instante do acontecimento, que nega a continuidade durativa. Em Badiou a emergência acontecimental não enseja uma oposição em relação à situação prévia, mas uma transformação de mundo, algo mais amplo e que exige um processo de sustentação da verdade que se anuncia no evento. Vejamos o caso do amor, por exemplo, na fala de Badiou:

Distingo três concepções principais do amor. Primeiro, a concepção romântica, focada no êxtase do encontro. Depois, (...) a concepção (...) comercial ou jurídica, segundo a qual o amor seria um contrato. Um contrato entre dois indivíduos livres declarando que se amam, mas atentos à igualdade da relação, ao sistema de benefícios recíprocos etc. Existe, além disso, uma concepção cética, que considera o amor uma ilusão. O que tento dizer em minha própria filosofia é que o amor não se reduz a nenhuma delas, ele é uma construção de verdade, (...) sobre um aspecto bem específico, a saber: o que é o mundo, examinado, praticado e vivenciado a partir da diferença, e não da identidade? (.. Se trata de viver uma experiência pelo prisma da diferença (BADIOU, 2013, p. 20).

A emergência acontecimental do amor não é o êxtase romântico, mas o encontro na diferença. O amor não se esgota nesse instante do encontro. Ele inicia um processo de verdade que tem de ser sustentado pela fidelidade do sujeito (o Dois) que emergiu e decidiu prosseguir esse processo. O sujeito do processo não é cada umx dxs envolvidos, mas esse Dois da diferença. Em outro livro, Badiou explica melhor o que é esse encontro no Dois do amor, no Dois da diferença:

A tese que sustentarei aqui é que o amor faz verdade da diferença como tal. (...) Ele diz a verdade do outro no elemento do mesmo. Tal é, em seu labirinto temporal, a obra amorosa: compartilha-se no mesmo -- o mesmo Dois -- a irredutibilidade da diferença, pela qual há, indefinidamente, e em mim mesmo, o outro (BADIOU, 2018, p. 611).

Se, não deixando de desaparecer assim que aparece, a relação sexual não existe por um efeito natural da estrutura, o amor, por sua vez, como suplência, só pode acontecer aleatoriamente. Isso que impõe, em minha forma de dizer, que o sexual sendo da ordem do ser, é ao acontecimento que é preciso registrar o amor, pelo qual

este preencherá uma primeira condição de toda obra de verdade: iniciar-se em uma ruptura acontecimental (*idem*, p.613).

Essa ideia do amor como suplência explica-se a partir da tese de Lacan de que não existe a relação sexual, a proporção, o encaixe entre os sexos:

o sexual não une, separa. Uma pessoa estar nua, colada na outra, é uma imagem, uma representação imaginária. A realidade é que o gozo nos conduz para longe, para muito longe do outro. A realidade é narcisista, o vínculo é imaginário. (...) Se não existe relação sexual na sexualidade, é o amor que vem suprir a falta de relação sexual. O que ele diz é que não existe relação sexual e que o amor é aquilo que surge no lugar dessa não relação. (...) No amor é que o sujeito vai além dele mesmo, além do narcisismo. No sexo, ele está no fim das contas, em relação consigo mesmo, com a mediação do outro. (BADIOU, 2013, p. 18).

Portanto, o acontecimento não traz uma visão aplanada, uma volta a uma situação de retrogradação. Ele não é um puro acaso de intensidade, um acidente, que uma vez passado esse instante mágico, tudo volta a ser como era. Como dissemos, não estamos propondo aqui uma escolha por um ou outro lado, ou seja, ou aceitamos o acontecimento ou desconsideramos-lo. Propomos considerar a teoria do acontecimento, mas também o tratamento pós-acontecimental a partir de uma teoria dos regimes de interação e uma teoria das tensividades (que conecta com a psicanálise pela via do pulsional). Para tal, pensamos em duas ordens de acontecimento, aquela badiouana, do evento raro e intensivo, gerador de processos de novas verdades, e aquela da semiótica tensiva, de eventos mais cotidianos, que se inserem na circunvolução dos regimes de Landowski, lidando-se o tempo todo com uma mudança dos regimes, nos enfrentamentos diários frente às programações, manipulações e ajustamentos. No caso de um acontecimento não tão cotidiano, como a revolução francesa, a invenção do cubismo, ou a descoberta da teoria da relatividade de Einstein, que não são tão pontuais, mas verdadeiros processos de transformação na política, na arte e na ciência, conforme tematiza Alain Badiou (2008), essa ideia de reduzir o acontecimento ao acidente é redutora. O acontecimento badiouano, como já dissemos, é excepcional, conceituação que difere da visão do acontecimento no varejo das lidas cotidianas.

O que importa é que ao propor tal construção do conceito de acontecimento, não se pode desconsiderar os regimes de interação pós-acontecimental, em que os sujeitos fieis buscam se ajustar aos demais sujeitos no rumo de construir o novo mundo que surge com a aposta no processo de verdade originado no acontecimento. Segundo essa leitura

vislumbramos a possibilidade de diálogo de duas visões que poderiam ser vistas como complementares e não como opositoras. A própria leitura de Fontanille (2019) vai nessa direção, como vimos.

## Referências

- BADIOU, A. **L'immanence des vérités**. L'être et l'événement, 3. Paris, Fayard, 2018.
- \_\_\_\_\_. **Lógicas de los mundos**. El ser y el acontecimiento, 2. Buenos Aires, Manantial, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Para uma nova teoria do sujeito**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994.
- \_\_\_\_\_. ; TRUONG, N. **Elogio ao amor**. São Paulo, Martins Fontes, 2013.
- BEIVIDAS, W. La sémiocception et le pulsionnel en sémiotique. Pour l'homogénéisation de l'univers thymique. In: **Actes Semiotiques**, 119. Limoges, 2016.
- CARLÓN, M. Tras los pasos de Verón... Um acercamiento a las nuevas condiciones de circulación del sentido en la era contemporánea. In: **Galáxia**, 43, pp. 5-25. São Paulo: PUC-SP, abril 2020.
- DEAN, J. Communicative capitalism: circulation and the foreclosure of politics. In: **Cultural Politics**, vol.1, issue 1, pp.51-74. Durham: Duke University Press, 2005.
- DEMURU, P. De Greimas a Eric Landowski. A experiência do sentido, o sentido da experiência: semiótica, interação e processos sócio comunicacionais. **Galáxia**, Especial 2. São Paulo: PUC-SP, 2019.
- DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo, 34, 2010.
- FECHINE, Y. **Cultura participativa e interação**. São Paulo, Centro de Pesquisas Sociossemióticas, 2019.
- FONTANILLE, J. As vias (e as vozes) do afeto. **Galáxia**, Especial 2. São Paulo: PUC-SP, 2019.
- \_\_\_\_\_. **Corpo e sentido**. Londrina, UEL, 2017.
- FONTENELLE, I. **Cultura do consumo: fundamentos e formas contemporâneas**. São Paulo, FGV, 2017.
- GREIMAS, A. J. **Da imperfeição**. São Paulo: Hacker, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Semântica estrutural**. São Paulo, Cultrix, 1973.
- GREIMAS, A.J.; FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões**. São Paulo, EAtica, 1993.
- HONNETH, A. **La sociedad del desprecio**. Madrid, Trotta, 2011.
- LACLAU, E.; MOUFFE, C. **Hegemonia e estratégia socialista**. São Paulo: Intermeios, 2015.
- LANDOWSKI, E. **Com Greimas**. Interações semióticas. São Paulo, Estação das Letras e Cores, 2017.
- \_\_\_\_\_. **Interações arriscadas**. São Paulo, Estação das Letras e Cores, 2014.

PISTORI, M.H.C. Paixões em conflito num discurso jurídico. In: **CASA**, vol.8 (1), Unesp, 2010.

PRADO, J.L.A. Perversão clean na cultura do consumo. Revista **Matrizes**, 13(1). São Paulo, ECA-USP, 2019; <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v13i1p49-70>.

PRADO, J. L. A. Da antipolítica ao acontecimento: o anarquismo dos corpos acontecimentais. In: **Comunicação, Mídia e Consumo**, v.14, n.39, ja./abr.2017; doi <http://dx.doi.org/10.18568/cmc.v14i39.1318>.

PRADO, J.L.A. Comunicação e reinvenção acontecimental da política. In: **Reinvenção comunicacional da política**. Salvador: Compós, UFBA, 2016.

\_\_\_\_\_. Afetos em confronto: quem vai para a rua. Texto apresentado no **Seminário Afetos, emoções e sentimentos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016a (inédito).

\_\_\_\_\_. Comunicação como epistemologia do sul: do reconhecimento à emergência do acontecimento. In: **Matrizes**. V.9, n.2, jul./dez., pp. 109-125. São Paulo: ECA-USP, 2015; DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v9i2p109-125>

\_\_\_\_\_. **Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais**. São Paulo: Educ, 2013.

PRADO, J. L. A.; PRATES, V. **Sintoma e fantasia no capitalismo comunicacional**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição**. Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo, n-1, 2018.

TOURNIER, M. **Sexta-feira ou os limbos do pacífico**. Rio de Janeiro, BestBolso, 2014.

ZILBERBERG, C. **Elementos de semiótica tensiva**. São Paulo, Ateliê, 2011.